



O PAPEL DAS **E**MOÇÕES NA  
EDUCAÇÃO

---

VERA NUNES





© 2009 Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

1ª edição  
2009

Editores

*Ingo Bernd Güntert e Christiane Gradwohl Colas*

Assistente editorial

*Aparecida Ferraz da Silva*

Preparação de originais

*Sueli Vasconcelos*

Revisão

*Flavia Okumura Bortolon*

Editoração eletrônica

*Keyla Regina Belo Amorim*

Projeto gráfico, produção gráfica e capa

*Ana Karina Rodrigues Caetano*

Ilustração de capa

*Nome da Arte: "Educar com emoção", de Adolfo Morandini Neto*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Nunes, Vera

O papel das emoções na educação/Vera Nunes — São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2009.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7396-631-2

1. Educação afetiva 2. Emoções e cognição 3. Emoções nas crianças

4. Inteligência I. Título

09-00818

CDD-370.153

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação emocional: Psicologia educacional 370.153

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à

**Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.**

Rua Santo Antônio, 1010

Jardim México • CEP 13253-400

Itatiba/SP - Brasil

Tel.: (11) 4524-6997

[www.casadopsicologo.com.br](http://www.casadopsicologo.com.br)





# SUMÁRIO

Agradecimentos	6
Prefácio	12
Introdução	16
1. O que é realmente importante	24
2. Dois exemplos	30
3. A necessidade do equilíbrio	36
4. Aprender com gosto	44
5. Habilidade em se relacionar	52
6. A pressão psicológica	60
7. Educar com gosto	66
8. Tia ou professora?	72
9. Reunião de pais	76
10. Autoridade sem abuso	82
11. Sinal dos tempos	88
12. Tempo veloz	94
13. Conteúdo	100
14. Elogios sinceros	104
15. Crenças que limitam	110
16. Tolerância à frustração	114
17. O papel da afetividade	120
18. Assertividade	124
19. A criança com medo	128
20. O lúdico na sala de aula	134
21. As diferentes personalidades	140
22. Do que a criança realmente necessita?	146
23. Vencendo a letargia	152
24. Uma palavra sobre <i>resiliência</i>	156
25. Nada se perde	162
26. A auto-estima do educador	168
27. Experiência própria	174
28. No rumo certo: conclusão	194



# INTRODUÇÃO

**Na infância, o que se ouve ou o que se vê não sobe para o cérebro. Desce para o coração e ali fica escondido.**

*Humberto de Campos*





O papel do educador de hoje vai muito além das obrigações pedagógicas em si. O educador dos novos tempos exerce uma influência muito mais ampla na formação de crianças e jovens: ele é agente de transformação, é maestro de ações construtivas para o desenvolvimento, é personagem ativo no processo de educar; exerce influência sobre o seguimento gradativo de tomada de consciência de seus alunos e incentiva sempre o movimento de construção do saber e da cidadania.

Sempre que falamos em educação, precisamos aprender a pensar que caminhando junto ao desenvolvimento físico, intelectual e social de todo ser humano, estarão ali também as emoções, exercendo influência sobre todo este processo.

São as emoções que emprestarão um colorido novo ao aprender, primeiro sob a forma de manifestações de afetividade do educador para com seu aluno, para que este possa se assegurar de que ali é bem recebido e considerado, conseqüentemente tornando os conteúdos pedagógicos mais atrativos.

Assim sendo, a relação entre educador e aluno passa a acontecer em um contexto que supõe empatia, tornando as condições muito mais favoráveis para que a criança desperte para o aprendizado em si. Através de expressões de atenção, afetividade e aceitação dirigidas a ela, a criança aprende a fazer uma leitura nova e positiva sobre si mesma e sobre tudo o que a cerca, por se sentir envolvida num clima que facilita não só o aprendizado, mas também as relações humanas, proporcionando-lhe mais segurança para que não





desenvolva receio de errar enquanto aprende, enfrentando os desafios que surgem de forma mais confiante e aprendendo também a se relacionar num sentido mais amplo.

As experiências físicas e emocionais ajudam a criança a se perceber melhor, e a partir da interação que vai desenvolvendo com as pessoas, a dar asas a todo o seu potencial, ampliando sua visão de mundo e aprendendo a enxergar a si mesma como ser atuante.

Quando levamos em consideração os aspectos psicológicos que permeiam a vida da criança estaremos, conseqüentemente, ajudando-a a potencializar sua capacidade de observação e de escolhas, de assimilação de conhecimento e de aprendizado num sentido geral. Este princípio, quando aplicado em sala de aula, permite que um espaço para o diálogo se instale, facilitando a comunicação em todos os sentidos.

A criança se relaciona com o mundo de um jeito muito especial. Ela, pra começo de conversa, não estabelece relações lógicas como nós adultos as concebemos, porque sua linha de raciocínio passa por outra sintonia que envolve realidade e fantasia, componentes característicos da personalidade infantil.

A criança tem uma visão particular sobre os fenômenos e as experiências, já que vinda ao mundo há pouco tempo, recebe o impacto de tudo o que acontece sob a impressão forte das sensações e sentimentos ainda não cultivados pela razão como a entendemos, e que lhes despertam reações muitas vezes surpreendentes.

A criança ainda carrega muito viva em si as formas de manifestação de sentimentos sem lapidação. A matéria bruta de suas expressões será trabalhada aos poucos, conforme a criança se desenvolve, quando adquire a linguagem, alcança certa autonomia e aprende a fazer uso mais coerente do que sente, dando vazão às emoções agora de modo menos intempestivo.





Este movimento de contrabalanço entre razão e emoção, no entanto, é tarefa para toda a vida, pois são dois pólos dos quais não podemos prescindir e que costumam agir em esquema de alternância, o que garante nosso chamado equilíbrio emocional.

Fortalecer a auto-estima da criança desta forma é dar a ela um valioso voto de confiança, passaporte para sua autonomia e para um processo mais positivo de desenvolvimento de auto-imagem e autoconceito, componentes importantes para que passe a se ver e a se comportar como alguém que inspira respeito e admiração e que se valoriza como pessoa.

A criança que cresce acreditando que é uma pessoa merecedora de valor tem sua capacidade produtiva e criativa estimulada, adapta-se com mais desembaraço a novas situações, tende a ser mais coerente e ponderada em suas escolhas, é mais aberta e receptiva ao diálogo e acata os limites com mais condescendência.

Este trabalho em sala de aula facilita o desempenho do educador em essência, pois é uma inteligente manobra para trazer o aluno mais para perto, enquanto abre espaço para trabalhar suas próprias questões, só que dentro de um contexto de empatia e simpatia recíprocas, facilitando assim as intervenções. Agindo assim, o professor em muito vai otimizar seu trabalho e poderá paralelamente ir potencializando sua habilidade em também se relacionar, deixando de lado a hierarquia rígida de estar um patamar acima do aluno, quando tratamos de questões de ordem emocional.

No entanto, para que esta hierarquia - como forma de graduação de autoridade - funcione de forma sadia, é preciso antes que o educador se coloque lado a lado com seu aluno como ser humano que também erra, tem expectativas, emoções e, parafraseando Guimarães Rosa: “de repente, aprende!”

Dar ênfase à educação emocional hoje é imprescindível, pois motiva a criança no processo de aprendizagem e a prepara melhor





para a vida num contexto geral. Esta postura de acolhimento do educador em relação a ela é o que faz a diferença e, se esta relação for galgada em aceitação, dará também à criança as primeiras noções do que é interagir e se socializar de maneira harmônica, agora que ela começa a redimensionar seu círculo social, saindo dos limites do lar e ampliando sua visão de mundo e suas expectativas diante de si mesma.

O educador que assim se posiciona, além de desempenhar o papel de oferecer os conteúdos pedagógicos em si, desenvolve a capacidade de perceber o ser humano em sua essência, um ser humano que está no começo de sua caminhada na vida e que precisa de incentivo, para que tenha das relações humanas impressões positivas, mesmo que existam muitos e muitos exemplos contrários a este preceito.

Este exercício também proporciona ao adulto a lembrança do frescor das primeiras lições, das primeiras descobertas e surpresas, e pode soprar uma brisa nova em cada aluno que surge e a cada lição de livros e de vida.

O estímulo que o educador oferta a seu aluno vem acompanhado de poderosos componentes afetivos e quando estes são bem direcionados, têm o poder de operar pequenos milagres, levando-o muitas vezes até mesmo à superação, através da quebra de determinados paradigmas que possam limitar a expressão de suas habilidades e capacidades.

Acreditar na criança, abrindo espaço ao diálogo, reconhecendo-a como pessoa que carrega uma pequena bagagem de vida, mas percebendo que, mesmo nestes poucos anos de existência, ela já pode enfrentar, por exemplo, uma dinâmica familiar complicada e até mesmo cruel, é o que dará chances para que ela se desenvolva a partir da crença nos valores humanos ou que reverta impressões negativas que porventura já a tenham atingido.





O educador deve atuar em favor da criança, dando voz e vez a ela, fortalecendo sempre sua auto-estima e legitimando sua importância como ser humano digno e que desempenha importante papel na sociedade e no mundo.

Esta voz poderá, assim, criar um eco positivo, trazendo a satisfação, a gratificação e a certeza de que, como educador, seu papel está sendo cumprido legitimamente.

Colocar foco na educação emocional é o que proponho aqui.

Neste livro você vai encontrar uma conversa despretensiosa e franca, direcionada em especial a você, querido educador, e aos estudantes que começam a trilhar este mesmo caminho, partindo do princípio de que aliar educação e afeto pode ser a fórmula para a abertura de novos horizontes nas salas de aula do Brasil, recriando o significado do conceito de educar.

Penso aqui em “educadores alquimistas”, misturando os ingredientes do saber com porções de afabilidade, à procura do melhor método para transformar crianças em preciosos cidadãos; educadores que observam, que aguçam seus sentidos, interagindo e conduzindo o relacionamento professor-aluno de forma simples e humanizada, descomplicando tanto seus próprios caminhos quanto os de seus alunos, transitando com mais segurança e desenvoltura na estrada de mão dupla do ensinar e do aprender.

Isto tudo é possível se pensarmos em educadores conscientes, procurando o melhor caminho para conduzir seus alunos até o conhecimento, atuando como guias e amigos, mestres e parceiros, conselheiros e incentivadores, compreendendo os diversos pontos de vista das crianças que esperam por seu apoio. Sendo assim, farão com que os horizontes se abram cada vez mais, tornando a educação uma fonte de possibilidades onde se pode beber sem limites.

Para que isto ocorra eficientemente, é preciso que o educador passe a (re) avaliar suas idéias e concepções e a considerar os





pensamentos e sentimentos da criança a partir da linha de raciocínio dela própria, entendendo que todas as suas respostas e reações partem da maneira como ela aprendeu, até ali, a perceber os fenômenos e os acontecimentos que lhe causaram algum impacto e como lhe ensinaram com palavras e exemplos a se portar diante dos fatos e acontecimentos. Estes, muitas vezes, são resultados de uma educação frágil, equivocada ou completamente distorcida e que as fazem acreditar nisso como as únicas verdades que conhecem até então.

Partindo deste princípio e despindo-se de conceitos predeterminados sobre o universo infantil, a relação professor-aluno ganha significados emocionais importantes para a construção de um elo de afeto e confiança mútua que irão potencializar o aprendizado.

A criança, assim, vai aprender - a partir de sua própria visão de mundo - a lidar com o ambiente social, enquanto muitas vezes transporta para o mundo da fantasia as situações que vive na realidade, mas que ali no terreno do imaginário estão sob seu controle, e a constatar que outras concepções de vida e de mundo existem além das que lhe foram impostas antes de ter chegado aos portões da escola!

É assim que a criança vai abrindo espaço ao conhecimento e se sentindo confiante em expressar suas idéias, sensações, impressões e sentimentos, sabendo que tem liberdade para isso, quando encontra na sala de aula um adulto que possibilita estas manifestações e que atua não como alguém que só ensina e que não abre espaço para também aprender neste processo, mas que se propõe a trabalhar em regime de parceria saudável com seu aluno.

Esta pode ser a fórmula que compõe o educador – parafraseando Winnicott – suficientemente bom?

Vamos apostar nela!

